

DOSSIER DE GAZA: DESASTRE

Os mediadores internacionais continuam com os esforços para chegar a um acordo de trégua na Faixa de Gaza entre o Hamas e Israel, que ontem voltou a bombardear a cidade de Rafah, no sul do território palestino. Para tentar romper o impasse nas negociações, o assessor do presidente dos EUA para o Oriente Médio, Brett McGurk, desembarcou em Israel após uma passagem pelo Egito — onde, nesta semana, também esteve Ismail Haniyeh, chefe do gabinete político do grupo terrorista.

Os bombardeios destruíram uma mesquita e várias casas na região, de acordo com relatos de moradores e agências de notícias locais. Na fronteira com o Egito, Rafah é o refúgio de mais da metade da população palestina obrigada a se deslocar do norte e da área central da Faixa de Gaza em razão dos combates.

— Foi uma noite muito difícil — disse Akram al-Satri, que está abrigado em Rafah. — Eles destruíram a mesquita al-Farouk, que é uma das maiores da região.

Segundo o Ministério da Saúde do Hamas, que governa Gaza desde 2007, só nas 24 horas anteriores, 97 pessoas morreram nos bombardeios.

'CHAMAS E FUMAÇA'

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, anunciou uma próxima ofensiva terrestre nesta cidade, que considera o "último reduto" do Hamas, para libertar os reféns remanescentes, sequestrados pelos combatentes do grupo na sua ofensiva em 7 de outubro contra o Estado judeu. Pelo menos 1,1 mil pessoas foram mortas e mais de 240 foram levadas para Gaza, segundo as autoridades israelenses. Segundo o porta-voz das Forças Armadas de Israel, Daniel Hagari, 134 ainda permanecem em cativeiro, das quais 30 estão mortas.



Sob ataque. Um homem observa a destruição de casas que foram atingidas por bombardeios de Israel em Rafah, no sul de Gaza. A região abriga a maior parte dos 1,7 milhão de palestinos deslocados.

Israel bombardeia Rafah em meio às conversas de cessar-fogo

Tratativas estão paradas após contraproposta do Hamas. Estado judeu fará incursão terrestre na cidade no Ramadã, caso reféns não sejam libertados

Em retaliação, Israel lançou uma ofensiva para "aniquilar" o Hamas, que já deixou mais de 29,4 mil mortos, sendo a grande maioria mulheres e menores, segundo o Ministério da Saúde do Hamas.

Segundo um jornalista da AFP, a aviação israelense lançou uma dezena de bombardeios contra Rafah e Khan Younis, também no sul de Gaza, alguns quilômetros ao norte, na noite de quarta-feira.

— Acordei com e som de uma grande explosão, como um terremoto. Havia chamas, fumaça, explosões e poeira por toda parte — disse Rami al-Shar, 21, em Rafah, à AFP.

CRISE HUMANITÁRIA

Encurralados por combates durante mais de quatro meses, os habitantes de Gaza estão atolados em uma grave crise humanitária. Segundo as Nações Unidas (ONU), 2,2 milhões dos quase 2,3 milhões de habitantes do território estão ameaçados pela fome.

A situação humanitária é especialmente alarmante no norte do território, segundo o Programa Mundial de Alimentos (PMA) da ONU, que na terça-feira foi obrigado a suspender o envio de ajuda devido à "violência" e ao "caso" que prevalece na região.

Perante a situação, houve novas discussões sobre um plano de paz elaborado pelos países mediterrâneos, Catar, EUA e Egito. A primeira etapa prevê uma trégua de seis semanas, a troca de reféns por prisioneiros palestinos em Israel e a entrada de comboios de ajuda humanitária em Gaza.

— Queremos chegar a um acordo [...] o mais rápido possível — disse o porta-voz do Departamento de Estado dos EUA, Matthew Miller.

A proposta está empacada devido a um impasse gerado pela contraproposta do Hamas, tachada de "delirante" por Netanyahu. Mas uma declaração na quarta-feira de Beirute, em 23 de fevereiro, do Gabinete de guerra israelense, de que há "sinais preliminares que sugerem a possibilidade de avançar com um novo acordo de libertação dos reféns", aponta para uma possível desobstrução nas negociações.

devido a um impasse gerado pela contraproposta do Hamas, tachada de "delirante" por Netanyahu. Mas uma declaração na quarta-feira de Beirute, em 23 de fevereiro, do Gabinete de guerra israelense, de que há "sinais preliminares que sugerem a possibilidade de avançar com um novo acordo de libertação dos reféns", aponta para uma possível desobstrução nas negociações.

INCURSÃO NO RAMADÃ

Gantz disse que se o novo acordo não for estabelecido até o Ramadã, mês sagrado para os muçulmanos que terá início no próximo dia 10, o Exército israelense seguirá com sua incursão terrestre em Rafah. A região abriga a maior parte dos 1,7 milhão de palestinos deslocados, e mesmo os EUA, principal aliado de Israel, têm alertado contra a operação.

Ministra de Netanyahu celebra 'ruínas' em Gaza

► A ministra da Igualdade Social e Empregoamento de Israel, Miri Regev, afirmou estar "orgulhosa das ruínas" na Faixa de Gaza. Em discurso feito na segunda-feira na Knesset, o Parlamento israelense, Regev também disse desejar que todas as crianças possam contar aos seus netos o que os judeus fizeram contra o grupo terrorista.

► A declaração de Golan foi feita enquanto ela defendia a expulsão do parlamentar Omer Cassif, que demonstrou solidariedade aos palestinos e se opôs à guerra em Gaza. Único membro judeu do partido Hadash-Ta'al de maioria árabe, ele acusou os líderes israelenses de defenderem crimes contra a Humanidade. A ministra disse que os contrários à expulsão de Cassif eram "covardes", e condenou parlamentares que "incorremam fúria" como porcos do plenário para não fazerem parte de uma causa política, democrática e, acima de tudo, sionista.

— Hábitos envenenados de dizer que queremos ver os soldados das Forças Armadas de Israel capturando Yahya Sinwar [líder do Hamas em Gaza] e seus terroristas pelos olhos, arrastando-os pela Faixa de Gaza — disse. — Estou pessoalmente orgulhosa das ruínas em Gaza. (Que daqui a 80 anos todos os bebês possam contar aos seus netos o que os judeus fizeram quando suas famílias foram assassinadas, estupradas e sequestradas.

Ex-militar opositor de Maduro é sequestrado no Chile

Crime foi alertado à Interpol pelo governo chileno; Ronald Ojeda foi levado por quatro criminosos que se passaram por policiais

ANA MARIA SANHUEZA
Do El País

O governo chileno solicitou um alerta internacional à Organização Internacional de Polícia Criminal (Interpol), além do reforço da guarda nas fronteiras, após o sequestro de um ex-militar venezuelano, opositor do presidente Nicolás Maduro, dentro do território do país, informou o subsecretário do Interior do Chile, Manuel Monsalve, na quarta-feira.

AÇÃO DE MADRUGADA

O caso ocorreu por volta das 3h15 da madrugada de terça-feira para quarta-feira, quando o ex-militar Ronald Ojeda estava em seu apartamento, no 14º andar, na zona norte de Santiago. Segundo um vídeo das câmeras de segurança do prédio

que circula nas redes sociais, Ojeda foi levado por quatro criminosos que se passaram por funcionários da Polícia de Investigações do Chile (PDI).

Após ter identificado Ojeda, o governo chileno não especificou há quanto tempo o ex-militar estava no país e se ele havia chegado a Santiago como refugiado político. Monsalve destacou que a informação, por lei, não pode ser tornada pública. Assim como outros casos de sequestro, a investigação foi classificada como sigilosa tanto pelo Ministério Público chileno quanto pela Brigada Antissequestro (Bipe) da Polícia Investigativa do país.

Uma das hipóteses difundidas pelo ex-comissário de Segurança venezuelano Iván Simonovits, membro da oposição ao governo Maduro, é que o sequestro tenha sido parte de uma operação orquestrada pela Direção Geral de Contrainteligência Militar (DG-CIM) da Venezuela.

ACUSADO DE CONSPIRAÇÃO

O jornal chileno La Tercera aponta que Ojeda é um dos 33 militares que, em 24 de janeiro, foram expulsos das Forças Armadas Nacionais Bolivarianas (Farnb) sob a acusação de conspirar para matar Maduro. Horas depois do sequestro, um carro, que pode estar relacionado ao crime, foi encontrado na comuna de Benicó, com um colete supostamente da Polícia de Investigação (PDI) e um capacete à prova de balas dentro.

Com cautela, Monsalve disse



REPÚBLICA CHILENA: DOGMA

Paradeiro desconhecido. Ojeda fugiu da prisão da Venezuela e foi sequestrado no Chile; autoridades reforçaram fronteiras

se ainda que "nesses casos, o que importa é a proteção da integridade física da possível vítima e de sua família. Portanto, o sigilo da investigação ordenada pelo Ministério Público deve ser respeitado."

O subsecretário acrescentou que o governo pediu aos Carabineros, a polícia militar chilena, e à Polícia de Investigação (PDI), que reforçassem o controle das fronteiras na quarta-feira de manhã.

O partido de oposição venezuelano Voluntad Popular emitiu uma nota sobre o caso para "alertar a comunidade internacional" em que menciona a hipótese de que o sequestro teria sido orquestrado pelo governo Maduro. "Se a notícia for confirmada, estaremos falando do uso do território soberano de outros Estados para práticas de espionagem e agressão contra refugiados venezuelanos que escaparam de um regime repressivo".

'PRESO POLÍTICO'

Segundo a imprensa venezuelana, Ojeda foi preso por traição em 2017 enquanto aguardava sua promoção a capitão do Exército. Na época, ele era primeiro-tenente. Sete meses depois, o então militar fugiu com outros oficiais.

Ficou escondido e reapareceu no Chile, onde, em 2021, foi multado por violar as regras sanitárias em meio à pandemia da Covid-19. No X (antigo Twitter), Ojeda se apresenta como "ex-presidido político" e "oficial das Forças Armadas venezuelanas".